

A Companhia das Ilhas apresenta

# ABN da Pessoa com Universo ao Fundo



## Apresentação

Uma PESSOA é uma criatura humana, sinónimo de deusa, cordeirinho branco, dona do cão, autor de sucesso, homem viril, historiador e pintor do futuro. Possui um ABN — ácido bardonucleico — composto artificial adulterado que reúne moléculas alfabéticas e genéticas determinantes da estrutura física e intelectual da Pessoa; sequência espiralada onde se armazenam as informações azedas necessárias à sobrevivência do organismo em interacção com o meio ambiente, incluindo os organismos propensos a comportamentos exaltados, motivados por caprichos. Esta PESSOA, possuidora deste ABN, move-se num UNIVERSO — o conjunto de tudo quanto existe, o sistema solar, com os seus planetas, satélites e astros, o mundo, a sociedade ou núcleos microcósmicos de entes auto-suficientes na sua totalidade. Sinónimo de estrela e companheiro de todas as horas, significa que, perante as antenas de uma barata avariando o radar, se deve perguntar: o que é isso comparado com o infinito?

É este o mundo criado por Leonor Sampaio da Silva no seu ABN da Pessoa com Universo ao Fundo, um conjunto de prosas breves, em jeito de dicionário, que na sua toada *non sense* e bem humorada olha de um modo muito agudo para os nossos pequenos quotidianos e interpela o tempo em que vivemos.

## Excerto

ALMA

[quando está desconsolada] Entra numa pastelaria e demora a escolher um recém-cozido. Ou seja, a Pessoa é gulosa. Consome diariamente uma boa dose de chocolate cuja quantidade exacta deixará omissa para se proteger da intolerância que a opinião pública habitualmente dedica aos pecados alheios. Sabe bem que o povo só se compadece das fraquezas que não vê, especialmente das que jazem em enfermarias alvas, exiladas para a periferia dos comércio, pois que em tudo sobre que recai o seu olhar encontra o povo

mofo, graxa ou desatino. A Pessoa resguardar-se-á dessa intolerância, portanto, omitindo contas de somar, mas não ao ponto de mentir, razão por que reitera a fraqueza de espírito que precipita as suas mãos numa demanda desesperada pelo aglomerado de açúcares, ovos, leites, frutos e farinhas tão competentemente tocado por mãos divinas que dir-se-ia nascido de parto natural dos fornos industriais das pastelarias citadinas.

## Ficha técnica

ISBN: 978-989-8828-35-4

Dimensões: 14x22

Nº páginas: 96

Ano: 2017 | Novembro

Nº Edição: 106

Género: Ficção: Contos

PVP: 12€

## Leonor Sampaio da Silva

Nasceu em Ponta Delgada, onde reside. Integra o corpo docente do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, na Universidade dos Açores, leccionando disciplinas das áreas da Cultura, da Literatura e da Tradução.

É membro do centro de investigação CHAM e consultora da Direcção Regional da Educação para acções de formação em língua inglesa.

Além de inúmeros artigos publicados em revistas científicas nacionais e estrangeiras, é autora dos livros: *Um pacto com as artes*. 30

*anos da Academia das Artes dos Açores* (Ponta Delgada, ADA/DRC, 2010); *Laranjas, Dickens e São Miguel* (Ponta Delgada: BPARPD, 2010). É também co-autora de *Um observador observado - edição comentada e traduzida da obra de Silas Weston, Visit to a Volcano, or What I Saw at the Western Islands* (Horta: NCH, 2013) e de *Aquém e além de São Jorge: memória e visão* (São Jorge: SCMV, 2014).

Recebeu em 2014 o Prémio de Humanidades Daniel de Sá, atribuído à obra *Mau tempo e má sorte - contos pouco exemplares*.



## Leituras, notas críticas

### Teoria Geral da Tragicomédia da Existência

Antes de mais, a gratidão pelo prazer da leitura que este livro da Leonor Sampaio da Silva me proporcionou. Agradecer deve ser o gesto primeiro de um leitor satisfeito. E quando falo em prazer é mesmo esse prazer do gozo puro da leitura e de nela poder encontrar uma prosa que se diverte e nos diverte na forma como desenha as aventuras e desventuras de existir.

Como ponto inicial, há que destacar o sentido de humor e picaresco que se contém neste livro. *ABN da Pessoa com Universo ao Fundo* divertiu-me como este ano, na literatura, me divertiram a *Ficção Completa*, de Mário-Henrique Leiria, editada pela E-Primatur, e os contos de Alface, reeditados pela Maldoror. Obras para gáudio dos leitores que têm da literatura a noção de que pode, além de tocar nas feridas essenciais da natureza humana, ser uma dança satírica com o desmazelo das ocorrências da biografia das personagens, o que é mesmo que dizer de todos nós. O evocar destes autores tem um sentido. Aqui também há histórias, muitas delas curtas, também aqui às personagens acontecem diversos episódios, uns mais realistas, outros mais surrealistas, também aqui existe um uso das frases de todos os dias para as enquadrar de outras formas. E um tratamento lúdico da linguagem, que respiga adjectivos que, para usar uma formulação que poderia estar neste texto, tiram do sério os substantivos.

Destaco, além das personagens, o narrador. Faz uma espécie de Teoria Geral da Tragicomédia da Existência, sujeita, demasiadas vezes, ao, cito, fervor didáctico do universo. O universo é a grande armadilha e é, tropeçando nos astros

desastrado, parafraseando Caetano Veloso, que segue o humano, fazendo das experiências as devidas interpretações. Essas interpretações estão aqui, espalhadas. Este é um livro de ficção com muito ensaio e crónica dentro, géneros que permitem pequenas reflexões, sardónicas, sobre as digressões várias.

Destaco, também, a inventividade de algumas analogias. Como a que se faz entre o último dia do ano e o regresso à barriga materna. Algumas das coisas que aqui acontecem são do demónio mas não se julgue que isso basta para colocar o Diabo numa poltrona hollywoodesca de argumentista ilustre. Lê-se num dos contos: “O Demo mais não obteve do que o honroso primeiro lugar no concurso do Penteadado Transcendental”. Repare-se na originalidade da formulação “Penteadado Transcendental”. Ou desta, noutra passo: “Desgosto amorótico”. Ou ainda desta, noutra ainda: “Virose musical”.

A língua aqui dança sapateado. E no sapateado por vezes há passos que parecem paradoxos: “(E é assim que) a Pessoa ganha a vida, sem trabalhar”. E é melhor praticar a arte da dança com a inspiração de Baco, se não a dança pode ficar presa. Fica o conselho, que podia ser um aforismo: “Nunca se confie num abstémio - ele jamais mudará”. Comentários de uso comum como “podia ser pior” são desenvolvidos em narrativas muito divertidas como a de “Contrição”, em que a protagonista chega a casa e vê a progenitora com um top justo diminuto e leggings brilhantes. E pensa: “Podia ser pior”.

Este é um livro que é uma grande gargalhada organizada. Uma mistura entre disrupção e dicionário. Gesto rabelaisiano, riso com significado que ou se manifesta numa sátira distópica, como



em “Ku Klux Klan”, ou numa fábula com animais que, parecendo amáveis, se tornam tenebrosos e em que, pormenor delicioso, a formiga e a cigarra resolvem emigrar para outra história.

Este universo tanto compreende as práticas ancestrais da feitiçaria como os apelos devoradores da tecnologia. Há aqui televisões que se zangam com pessoas e as apagam e figuras mitológicas, como Marte, que têm página de facebook. Tanto se evocam as modalidades sentimentais do espírito como as mais comezinhas contingências do ser vivo. Encontramos aqui homens com terríveis comichões testiculares e cães que assediam - sim, porque não é só aos homens que acontece.

Se se acentua aqui o peso do burlesco e das suas formulações, isso não deve retirar a marca lírica

de *ABN da Pessoa com Universo ao Fundo*. Muitas são as passagens líricas. Alguns exemplos: “Nenhuma mensagem atravessou o corredor da noite”. Ou “Ter sido ave emboscada na sombra”. Ou “Não é Julho, mas é como se fosse”. O final do livro é mais lírico do que cómico. Como que o silêncio de um narrador generoso, decidido a fazer descansar as personagens. Recolhe-se com o dever, cumprido, de ter feito o que fazem os escritores: organizar, um pouco, pelo menos, o caos narrativo do mundo.

Nuno Costa Santos - Texto lido na apresentação de *ABN da Pessoa com Universo ao Fundo*, de Leonor Sampaio da Silva (Companhia das Ilhas, 2017), que teve lugar na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada no dia 27 de Novembro de 2017

